



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## O SONHO DA ESCOLARIZAÇÃO: CAUSAS DA PERMANÊNCIA DOS EDUCANDOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NA ESCOLA

Vilian Pessoa Nogueira<sup>1</sup>  
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

Esse estudo é parte do Trabalho de Conclusão de Curso da autora do estudo – em parceria com a coautora, responsável por sua orientação – e tem por objeto de análise a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e os estudantes que se mantêm nesta modalidade educacional. Logo, objetivou-se identificar as razões pelas quais estes alunos, entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental, pretendem manter seus estudos, apesar das inúmeras dificuldades que levam à evasão de muitos de seus colegas.

Nesse contexto, é relevante destacar que o interesse por essa temática surgiu devido à própria trajetória escolar e acadêmica vivenciada pela autora deste texto. Por ser uma clientela que geralmente trabalha e estuda, muitos estudantes da EJA têm uma rotina semelhante àquela que a pesquisadora manteve durante sua escolarização a partir do 5º ano do ensino fundamental, sendo uma estudante trabalhadora e consciente do quanto é difícil permanecer na escola. Foi diante da exaustão que impulsiona os estudantes-trabalhadores a abandonar os estudos, que a autora deste texto interrompeu sua trajetória de formação por 10 anos, retornando à sala de aula na graduação em pedagogia, recentemente concluída. Além disso, os pais da pesquisadora são alfabetos funcionais e alguns dos seus irmãos também não se alfabetizaram. É nesse cenário que o estudo dos aspectos centrais da permanência dos estudantes na EJA impulsionou – a autora e a coautora – a investigar as vivências dos estudantes nessa modalidade de ensino.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Faculdade Meta (Fameta). E-mail: [vilianpessoa@gmail.com](mailto:vilianpessoa@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Professora Assistente do Centro de Educação Letras e Artes (Cela) da Ufac. E-mail: [leticiamendonca@yahoo.com.br](mailto:leticiamendonca@yahoo.com.br).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

---

No caso do presente estudo, é importante ressaltar que, como bem indica o artigo 37 da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), lei 9394 de 1996, a EJA "será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria" (BRASIL, 1996). Entretanto, ao longo dos anos os jovens e adultos foram excluídos o que pressupõe a necessidade de dar voz a estes sujeitos para que sejam interpretados os fatores que interferem sobre suas formas de escolarização.

Diante desse cenário, o problema de pesquisa se concentrou na seguinte questão: quais são as razões pelas quais os estudantes da EJA mantêm seus estudos, apesar dos inúmeros fatores que os tendem a evadir? Com esta questão, deu-se início à organização dos aspectos metodológicos da pesquisa. Ressalta-se que foram sujeitos da pesquisa seis estudantes matriculados entre o 1º e o 5º ano do ensino fundamental, sendo esta etapa de escolaridade, para critérios da EJA, dividida em três módulos (inicial, intermediário e final). Logo, participaram do estudo dois estudantes em cada módulo de escolaridade em uma escola pública municipal da cidade de Rio Branco, estado do Acre.

Para a coleta de dados, optou-se pela entrevista estruturada. Os estudantes foram caracterizados como 1MA e 1MB (estudantes do módulo de alfabetização); 2MA e 2MB (estudantes do módulo intermediário); 3MA e 3MB (estudantes do módulo final).

Foram propostas várias questões para entrevistados; entretanto, apenas quatro questões foram analisadas. Esta seleção se justifica por se acreditar que estas questões contêm as principais indicações dos sujeitos sobre o assunto abordado.

Assim sendo, para a compreensão global do estudo, o presente trabalho exibirá, nas próximas seções, a seguinte organização: o item referente ao desenvolvimento terá como primeiro subitem a fundamentação teórica necessária à compreensão do assunto, enquanto o segundo subitem apresentará os resultados e a discussão dos dados; por fim, o último item indicará a conclusão preliminar do trabalho, apresentando também as perspectivas de estudos como esse para a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

compreensão dos aspectos que levam os sujeitos da EJA a permanecer (ou evadir) nesta modalidade educacional.

## 2. DESENVOLVIMENTO

### 2.1. Fundamentação teórica: o sujeito da EJA, suas conquistas de direitos e suas vivências

De acordo com as considerações de Oliveira et al. (2012, p. 181), a EJA é uma “modalidade de ensino que oportuniza a jovens e adultos, que não tiveram acesso ao ensino regular; ou dele foram excluídos por algum motivo; terminarem sua escolarização”. A EJA também atende aos indivíduos que jamais acessaram a escola, objetivando um processo de longo prazo, oportunizando a coexistência dos cidadãos em suas comunidades e capazes de enfrentar os desafios que se encontram à frente (SOUZA, 2000). Para que tal oportunidade fosse dada ao público da EJA, no Brasil, houve uma construção histórica importante, a qual se iniciou ainda no Brasil Colonial, mas que ganhou grande representatividade já no período Republicano. Dessa forma, é possível indicar que:

Podemos perceber que este descaso com a educação levou o Brasil a alcançar a incrível marca de 72% de analfabetismo em 1920. Em 1934, foi criado o Plano Nacional de Educação que previa o ensino primário integral obrigatório e gratuito estendido às pessoas adultas. Esse foi o primeiro plano na história da educação brasileira que previa um tratamento específico para a educação de jovens e adultos. E foi a partir da década de 40 e com grande força na década de 50 que a educação de jovens e adultos voltam a pautar a lista de prioridades necessárias do país (STRELHOW, 2010, p. 52)

A década de 1950 é marcadamente ressaltada pelo importante trabalho realizado por Paulo Freire, que chamava a atenção para que o desenvolvimento da educação com os adultos, deve acontecer contextualizado às suas necessidades e vivências (STEPHANOU e BASTOS, 2005). Entretanto, com o Golpe Militar em 1964, esse plano foi interrompido e, em 1967, o Movimento Brasileiro de



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Alfabetização (Mobral) é instituído pelo governo militar, tendo proposta oposta aos propósitos freirianos.

Já durante a Nova República, a Constituição Federal (CF) de 1988, em seu artigo 208, estabeleceu que o dever do Estado com a educação seria efetivado mediante a garantia de princípios, sendo um deles expostos pelo inciso I. Este, que fora alterado pela Emenda Constitucional nº 59, de 2009, indica que a “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”. Logo, desde a CF de 1988, ficou pactuada a ideia de que a EJA é um direito constitucional e ações diversas surgiram para que tal direito fosse exercido.

Em consonância à CF de 1988, a terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a Lei 9394 de 1996 indica, na Seção V, os pressupostos da EJA.

Art. 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

§ 3º A educação de jovens e adultos deverá articular-se, preferencialmente, com a educação profissional, na forma do regulamento.

Art. 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§ 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos. (BRASIL, 1996)

Apesar da CF de 1988 e a LDBEN de 1996 indicarem a garantia à EJA, ao público a que esta se direciona, poucas ações foram exercidas até o início dos anos 2000. De acordo com Di Pieero (2005), a EJA foi preterida na década de 90, que priorizou a universalização do acesso ao ensino obrigatório às crianças e



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional "As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia"

adolescentes, tendo a EJA enfrentado restrições financeiras até 2006, devido à organização financeira dos governos nesta época.

Diante dos dados aqui explicitados, reconhece-se a ampliação do reconhecimento jurídico de direitos dos jovens e adultos à escolarização. Entretanto, esta modalidade ainda "muito distante dos direitos proclamados e das metas compromissadas, evidenciando que a cultura do direito à educação ao longo da vida não está ainda enraizada na sociedade e nos governos" (DI PIERRO e HADDAD, 2015, p. 197). Para tanto, é preciso apresentar alguns dos fatores que interferem na permanência (e também na evasão) do público da EJA.

Diversos trabalhos auxiliam a interpretação do conceito de "acesso e permanência", respaldado pela Lei 9394/96 em seu terceiro artigo, o qual indica que o ensino será ministrado com base em princípios estabelecidos, sendo o primeiro deles – descrito pelo inciso I – a "igualdade de condições para o acesso e permanência na escola" (BRASIL, 1996).

De acordo com o Dicionário Michaelis (WEISZFLÖG, 2009), entre os significados do verbete "acesso" tem-se a ideia de entrada e admissão; já o significado de "permanência", traz o propósito de constância e perseverança. Levando estas definições para o ambiente educacional, percebe-se que a permanência foi antecedida do acesso, mas que nem sempre o fato de acessar permite ao estudante permanecer. Ou seja: é preciso ultrapassar várias barreiras – especialmente na EJA – para que o estudante, que acessa a escola, supere as condições nem sempre favoráveis à sua permanência na escola (NERI, 2009) e conclua as etapas de ensino que lhe são impostas.

Quando estas inúmeras barreiras, impostas à permanência do estudante da EJA, são maiores que as possibilidades desse aluno em permanecer na sala de aula, tem-se a evasão. Neste caso, a sinonímia apontada pelo dicionário Michaelis também coloca "evadir" na condição de "fugir" (WEISZFLÖG, 2009). Essa designação é extremamente adequada para a evasão na EJA: alunos que fogem dos muitos conflitos trazidos pelas questões educacionais e, alheios às suas vontades, precisam fugir da escolarização.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Há vários estudos que abordam a questão da evasão na EJA. O trabalho de Pedralli e Cerutti-Rizzatti (2013), sobre o problema da evasão em espaços de EJA – especificamente no município de Florianópolis, indicou que o fenômeno da evasão é um complexo construto social, sendo um recorrente entre os muitos gestores das inúmeras redes de ensino. Este mesmo trabalho indica que, devido às questões familiares, profissionais e outros aspectos da rotina dos estudantes, as necessidades de sobrevivência surgem e impõem ao estudante o abandono da escola como única opção.

Dessa forma, é perceptível que a evasão escolar na EJA está ligada a um conjunto de fatores diferentes. Entretanto, reconhece-se que muitos educandos abandonam a escola porque trabalham; ou seja: “há de levar em conta principalmente, que a EJA é oferecida ao aluno que é na verdade, um trabalhador” (MAGALHÃES, 2013, p. 19). Assim, esses alunos, depois de um dia exaustivo de trabalho, não têm ânimo para estudar.

O estudo de Magalhães (2013) traz ainda outras contribuições ao entendimento da evasão na EJA. De acordo com a autora, há outros aspectos repetidamente indicados nas razões que levam os alunos da EJA a abandonarem a escola. Muitos têm filhos, mudam de endereço com frequência (o que os obriga a mudar de escola), têm baixa autoestima e dificuldade em enfrentar situações novas. Além disso, os educandos adultos comumente têm dificuldade em aceitação do método utilizado pelo professor e encontram professores despreparados, os quais não sabem lidar com as especificidades deste público; isso também faz com que os alunos se sintam incapazes de aprender e acabem abandonando a escola.

Entretanto, há também os fatores que contribuem para a permanência dos estudantes da EJA na educação básica. De acordo com Silva et al. (2011, p. 2), algumas das motivações que levam os alunos a permanecer na escola são “a ambição de ter um futuro melhor, concluir os estudos, vestibular e ajudar a família”. Diante disso, é possível perceber que, apesar dos inúmeros motivos que afastam estes alunos da escola, o sonho de uma vida melhor ainda persiste juntamente com



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

a crença desses sujeitos em não permanecerem no mundo para simplesmente a ele se adaptar, mas para transformá-lo (FREIRE, 2000).

## 2.2. Resultados e Discussão: os sujeitos da pesquisa e suas indicações

Quanto aos estudantes, que participaram da pesquisa, dois sujeitos que cursam o módulo I do ensino fundamental da EJA (correspondente ao primeiro ano do ensino fundamental regular) e têm perfis bem semelhantes. 1MA tem 60 anos de idade, é do sexo feminino, tem quatro filhos, é solteiro e, atualmente, trabalha em casa (dona de casa). Já 1MB tem 58 anos de idade, é do sexo feminino, tem dois filhos, é casado e, atualmente, também trabalha em casa (dona de casa).

Quanto aos estudantes do módulo II do ensino fundamental da EJA (correspondente ao segundo e terceiro anos de escolaridade no ensino fundamental regular), seus perfis são mais distintos. 2MA tem 67 anos, é do sexo masculino tem três filhos, é casado e já se aposentou. Já 2MB tem 48 anos de idade, é do sexo feminino, tem dois filhos, é solteiro e trabalha como diarista.

Em relação aos estudantes do módulo III do ensino fundamental da EJA (correspondente ao quarto e quinto anos de escolaridade no ensino fundamental regular), estes têm trajetórias com algumas semelhanças. 3MA tem 56 anos de idade, é do sexo masculino, tem seis filhos, é casado e não trabalha. 3MB tem 53 anos de idade, é do sexo masculino, tem quatro filhos, é casado e trabalha como servente de pedreiro.

Diante desses perfis, é possível perceber que a maioria dos estudantes entrevistados (como também dos sujeitos da EJA) tem mais de 50 anos, apresentando uma idade mais avançada quando comparada aos alunos do ensino regular. Além disso, a maioria deles possui profissões modestas ou não trabalham fora do lar, o que pode sugerir uma interferência da não escolarização na vida profissional desses indivíduos.

Em relação à análise dos dados apresentados pelos sujeitos, indica-se que, na primeira questão analisada, houve a seguinte solicitação: “o que te levou a



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

---

voltar a estudar ou iniciar seus estudos na EJA?”. Nesta é possível perceber que o desejo em aprender a ler e a escrever é uma indicação unânime entre os entrevistados, como 1MA, que afirma a necessidade em “aprender a ler e escrever para ajudar os netos a realizarem as tarefas da escola”, bem como 1MB e 2MB que indicam o desejo em “aprender a ler e escrever para ler a Bíblia”.

Duas indicações merecem destaque. O educando 2MA afirma: “nunca tive a oportunidade de aprender a ler e escrever e considero isso muito importante” e o educando 3MB, indica que “aprender a ler e escrever corretamente e fazer novas amizades” é o que o levou a estudar na EJA. Estas indicações são sugestivas das atribuições à escrita e, especialmente, à leitura como ações sociais, o que implica que saber ler e escrever são, para os adultos, ações que contribuem para o seu convívio em sociedade (MAGALHÃES, 2013).

Quanto à análise da segunda questão apresentada – “o que você deseja alcançar com seus estudos?” – as respostas já indicam variações, especialmente vinculadas aos módulos em que os educandos estudam. Entre os estudantes do módulo I, as respostas prosseguem bem semelhantes e pressupõem o alcance de autonomia. 1MA deseja “aprender a ler e escrever corretamente para poder pegar ônibus, ler jornais”, enquanto 2MB tem o mesmo desejo para, então, “deixar de depender de terceiros”. Tais apontamentos são sugestivos da “relevância da educação em valores e atitudes para a construção da autonomia moral dos indivíduos” (DI PIERRO et al., 2001, p. 73).

Entretanto, nesta mesma questão, um dos estudantes do módulo III faz uma indicação diferente. 3MA pretende, com seus estudos, “concluir o ensino médio e, quem sabe, ingressar em uma faculdade”. Por ser um estudante que, provavelmente, já tem mais familiaridade com a leitura e a escrita, 3MA aparenta ter sonhos maiores para a sua qualificação profissional, o que remete a oportunidades mais concretas para sua capacitação em uma etapa posterior à educação básica (DI PIERRO et al., 2001).

Nessa mesma ótica, a análise da terceira questão aqui analisada – “você acha que se tivesse estudado, na idade regular, sua vida seria diferente?” –





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

demonstra a preocupação dos educandos da EJA diante de suas oportunidades de progressão profissional por meio da escolarização. Nesta questão, todos os sujeitos de pesquisa alegaram que, caso tivessem se escolarizado enquanto jovens, teriam empregos melhores. Destaca-se a resposta apresentada por 2MA: “teria uma oportunidade de trabalho melhor porque quando eu vim para a zona urbana, tive muita dificuldade de conseguir trabalho pelo fato de ser analfabeto”. Neste caso, é importante destacar que é comum o fato de muitos alunos da EJA virem da zona rural para o meio urbano em busca de uma melhor qualidade de vida para eles próprios e suas famílias. Além disso, tal quadro reforça novamente a provável motivação para a maioria dos adultos ainda se manterem na escola, mesmo estando fora da idade regular, é a oportunidade de obter melhor inserção no mundo do trabalho, especialmente através da alfabetização (ANDRIOLA, 2014).

Com o intuito de detalhar melhor a questão da permanência na EJA, a última questão – “o que te faz permanecer na EJA” – traz também perspectivas distintas. Nesta, os sujeitos de pesquisa matriculados do módulo I e o educando 2MA apontaram, novamente, o desejo em ler e escrever. Já os educandos 2MB e 3MA indicam a possibilidade de um futuro melhor e com novas possibilidades, enquanto 3MB esclarece que quer aprimorar seus conhecimentos. Esses apontamentos sugerem que quanto maior a escolarização e o nível de conhecimentos em leitura e escrita (apresentados pelos estudantes em etapas posteriores à alfabetização inicial), maior a perspectiva de futuro. A surpresa, em tal consideração, surge em perceber que tais apontamentos são feitos por sujeitos que estão próximos ou têm mais de 50 anos de idade, momento da vida em que a escola já não é um ambiente comumente frequentado.

Essas ideias são coerentes às indicações de Freire (2004, p. 76), ao apontar que um dos saberes primeiros é “o saber do futuro como problema e não como inexorabilidade [algo que não pode ser mudado]. É o saber da história como possibilidade, não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo”. Logo, é possível sugerir que os educandos da EJA, neste caso específico, mantêm-se nos estudos por acreditarem em novas perspectivas atribuídas somente àqueles que



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

estudaram e, especialmente, àqueles que se profissionalizaram pela/na escola. Entretanto, é importante ressaltar também que os alunos ainda não alfabetizados veem na leitura e na escrita uma oportunidade de independência – e somente estes conhecimentos já lhes bastam.

### 3. CONCLUSÃO

Quando as pesquisadoras optaram por esta pesquisa, objetivaram conhecer os alunos da EJA dos anos iniciais, principalmente os mais velhos; saber quais os motivos que os fizeram voltar a estudar e quais motivos os levam a permanecer estudando, já que este tema tem muita influência na vida escolar autora principal do trabalho.

Em consonância a este objetivo, a pesquisa fora realizada durante o último estágio obrigatório do curso de pedagogia, concluído pela autora em julho de 2016. O convívio com os estudantes, a percepção como eles se sentem excluídos, com vergonha por não saberem ler e escrever, bem como a importância que eles dão a cada palavra lida ou escrita encantaram as duas pesquisadoras – a que experimentou o convívio (autora) e a que orientou o trabalho (coautora).

Durante a análise dos resultados, foram percebidos o quanto cada história se parecia com a vivenciada pela família da autora – e a de tantas outras famílias que não residem na zona urbana. Pessoas que moravam no meio rural e não tiveram acesso à escola na idade regular e, somente com mais idade na vida adulta, sentiram a importância da leitura e da escrita em suas vidas.

Os pais da autora principal deste estudo não foram escolarizados, mas sempre fizeram de tudo para que os filhos tivessem acesso aos estudos, os incentivando e mostrando que só através da educação é possível ter um futuro melhor e diferente do presente daqueles que residem no meio rural. Para os pais da autora deste trabalho, é a realização de um sonho vê-la formada em pedagogia, pois ela é a única filha graduada, dentre quatro irmãos – sendo que dos 10 homens, somente 3 são formados.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Autora e coautora têm ótimas memórias da construção e, especialmente, dos sentimentos desvelados na realização do texto. É um privilégio reconhecer que, apesar de muitos estudantes da EJA não pretenderem continuar os estudos, apenas a conquista da alfabetização já é um passo desafiador. É um novo modo de vida saber ler para fazer algo simples; coisas que, para os sujeitos alfabetizados, é comum no cotidiano. Para os adultos em alfabetização, ler é uma dádiva, resguardada em um direito que lhes foi negado por anos.

Com a pesquisa realizada, percebeu-se que a permanência desses educandos está muito ligada ao que eles almejam para o seu futuro. Os que permanecem são aqueles que querem ter conhecimento; seus desejos vão muito além do ler e escrever. Eles têm muita determinação, dizem que desistirão somente se algo determinante os afastar da sala de aula, pois almejam a escolarização, mesmo que seja “só para aprender o básico, que é ler e escrever”. O relacionamento dos mesmos com o professor também influencia na permanência na escola. Quando eles se identificam, gostam e se sentem a vontade com os professores, tendem a permanecer estudando, mas quando não se identificam com o professor, sentem muita vergonha, têm medo de errar e de serem reprovados; com isso, desistem e voltam no ano seguinte esperando um professor diferente.

Nesse mesmo âmbito, uma reflexão importante emerge nos relatos dos entrevistados: não basta que apenas o aluno queira continuar seus estudos; a escola precisa ofertar condições para que ele permaneça e se escolarize. A qualidade do ensino nas escolas na modalidade da EJA não aparenta ser de excelência; os conteúdos são ensinados em um curto período de tempo e isso não privilegia o sonho, de alguns educandos, em chegar em níveis mais altos de ensino, tal como a educação superior. Muitos alunos ficam “pelo meio do caminho” e, muitas vezes, têm frustrados os desejos do diploma. Logo, “a escola precisa oferecer serviços de qualidade” para que os alunos “que passem por ela ganhem melhores e mais efetivas condições de exercício da liberdade política e intelectual” (ANTUNES, 2010, p.10).



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Espera-se que através deste trabalho as pessoas tenham conhecido um pouco melhor os alunos adultos da EJA dos anos iniciais. Muito se fala nos adolescentes que desistiram de estudar e voltam à sala de aula porque precisam estudar para desempenhar uma profissão. Ainda é pouco explorada a temática do adulto que deseja estudar por sua realização pessoal. A modalidade da EJA requer muitas pesquisas para que seja possível (re)conhecer este público e saber o que eles realmente precisam e o que estão buscando quando retornam (ou frequentam, pela primeira vez) a escola.

## REFERÊNCIAS

- ANDRIOLA, W.B. Avaliação diagnóstica da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n.82, p.171-196, Mar. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362014000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362014000100009&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 mai. 2016.
- ANTUNES, C. **Trabalhando habilidades**: construindo ideias. São Paulo: Scipione, 2001.
- DI PIERRO, M. C. Notas sobre a redefinição da identidade e das políticas públicas de educação de jovens e adultos no Brasil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v.26, n. 92, p. 1115-1139, 2005. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a18.pdf). Acesso em: 17 abr. 2016.
- DI PIERRO, M. C., HADDAD, S., Transformações nas políticas de Educação de Jovens e Adultos no Brasil no início do terceiro milênio: uma análise das agendas nacional e internacional. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 197-217, maio-ago., 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v35n96/1678-7110-ccedes-35-96-00197.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2016.
- DI PIERRO, M.C.; JOIA, O.; RIBEIRO, V.M. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. **Cad. CEDES**, Campinas, v.21, n.55, p.58-77, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 21 mai. 2016.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

MAGALHÃES, V.N.S. **Evasão Escolar na Educação de Jovens e Adultos**. Monografia - Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica. Universidade de Brasília. Brasília, 2013, 41fl. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8131/1/2013\\_VanessaNogueiraDeSouzaMagalhaes.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8131/1/2013_VanessaNogueiraDeSouzaMagalhaes.pdf). Acesso em: 21 mai. 2016.

NERI, M.C. **O Tempo de permanência na escola e as motivações dos sem-escola**. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS, 2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/tpemotivos/>. Acesso em: 5 mai. 2016.

OLIVEIRA, A.B.T.; LIMA, M.B.; PINTO, E.A.T. Educação de Jovens e Adultos: Perspectivas Metodológicas e Aprendizagem Significativa. **Mimesis**, Bauru, v. 33, n. 2, p. 181-204, 2012. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/>. Acesso em: 17 abr. 2016.

PEDRALLI, R; CERUTTI-RIZZATTI, M.E. Evasão escolar na educação de jovens e adultos: problematizando o fenômeno com enfoque na cultura escrita. **Rev. bras. linguist. apl.**, Belo Horizonte, v.13, n.3, p.771-788, 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982013000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982013000300005&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 mai. 2016.

SILVA, A. S.; COSTA, D. M. V.; ALMEIDA, R. C.; MENDES, S. M. V.; COSTA, F.. Motivos da evasão escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na Unidade Escolar Maria Modestina Bezerra, Teresina-Piauí. 63ª Reunião Anual da SBPC. **Anais...**, 2011. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/3441.htm>. Acesso em: 21 mai. 2016.

SOUZA, J.F. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. NUPEP. Recife: Bagaço, 2000.

STEPHANOU, M., BASTOS, M.H.C. **História, Memória e História da Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazôniaas, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

---

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 38, p. 49-59, jun. 2010. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05\\_38.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38/art05_38.pdf). Acesso em: 17 abr. 2016.

WEISZFLÖG, W. **Michaelis**: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: 04 mai. 2016.